

EDITORIAL

IN MEMORIAM: LUCIANO NASCIMENTO

Nem o sol e nem a morte podem ser olhados fixamente

La Rochefoucauld

O que quer que se pense – nas estrelas incontáveis do sem-fim galáctico, no suor dos amantes, de Hitler à Nasdaq – e depois se compare à morte, parecerá por certo insignificante; o repouso inteiro, o não-movimento, que é a morte, que reduz à coisa nenhuma o corpo – físico qualquer que seja – junto ao tempo e ao espaço. Que medidas, que cognição de deuses, dispomos nós quando então não há mais corpo? Porque não dispõe de medida, eterna e infinita, a morte é naturalmente incognoscível. Mas, quem quis conhecer mais a morte senão os suicidas, que tiveram, antes, a impressão de conhecer em demasiado a vida? O que ensina a nós o ânimo sombrio de um suicida? Que diálogo travar, a sós, na presença da corda? O temor e a esperança, sendo inseparáveis como pensa La Rochefoucauld, quiçá compõem não apenas o espírito dos suicidas; também os nossos, espíritos de suicidas em latência e potência. O que trazemos de mais libertador nos nossos pensamentos senão a decisão de poder aniquilar a nós mesmos neste instante? Os homens são as únicas criaturas tentadas pela morte, capazes de esquadriñar à caneta o itinerário do extermínio, da renúncia amargurada. O suicida, como nós, inábil a aprender com os vegetais a ostentar a apatia, a serenidade embaixo da tormenta, confiou à vida – eis o nosso erro – um bocado de esperança; e quis dela, aí, mais do que ela mesma poderia dar. O temor se instala, então, verminalmente: e a morte consuma, suga, como o vácuo, administrando o nada.

Prof. Msc. Tiago Ribeiro Santos